

ONU quer privadas preocupadas com a sustentabilidade

Angelo Pavini

De São Paulo

Os brasileiros endinheirados estão na mira do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (Unep, na sigla em inglês). O braço da entidade voltado para o mercado financeiro (Unep-Fi) realizou sexta-feira em São Paulo, em conjunto com a Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), um encontro com representantes de private banks para

mostrar a importância do tema sustentabilidade para os investidores de alta renda. Foi o segundo encontro organizado pela Unep-Fi. O primeiro ocorreu há seis meses, em Genebra, na Suíça.

O próximo passo deve ser a abertura de um escritório da unidade financeira no Brasil, afirma Paul Clements-Hunt, responsável pela Unep-Fi. "Temos uma representação no México e esperamos ainda este ano abrir uma no Brasil", diz Hunt.

A escolha do Brasil para a segunda reunião e os planos do escritório se justificam pelo tamanho e importância do private banking brasileiro, afirma Hunt. Além disso, há o potencial de crescimento do país e da riqueza, que cria a oportunidade de divulgar os conceitos de sustentabilidade tanto para as empresas que estão abrindo seu capital quanto para o investidor. O objetivo é mostrar para o investidor que a sustentabilidade hoje é uma forma de se avaliar o

risco de uma companhia no longo prazo e deve ser levada em conta na decisão de investimento.

O trabalho da Unep-Fi no Brasil não se limita aos privados. A entidade já se filiou ao Conselho do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da Bovespa e, hoje, realiza um evento na bolsa onde diversos fundos de pensão brasileiros vão oficializar sua adesão aos Princípios para Investimento Responsável (PRI) da ONU.

Cerca de 80 representantes de

private banks participaram do encontro no auditório da Anbid. As apresentações mostraram que os milionários brasileiros ainda dão pouca atenção à sustentabilidade. "As pessoas confundem com caridade e não percebem que podem usar os princípios de governança, de meio ambiente e sociais nos investimentos também", diz Sylvia Coutinho, responsável pelo private bank do HSBC. Há ainda a discussão sobre se a opção pela sustentabilidade não reduz os ganhos

do investidor. "No curto prazo, pode até ser verdade, mas no longo, o risco de uma empresa sustentável tende a ser menor", diz Hunt.

No HSBC, o total em ativos socialmente responsáveis chega a US\$ 3,575 bilhões, 63% nos EUA e 34% na Europa, afirma Xavier Desmadryl, do HSBC e do Unep-Fi. Já os emergentes respondem por menos de 1% do total. No Brasil, esse tipo de aplicação reúne cerca de R\$ 800 milhões, afirma Luiz Maia, vice-presidente da Anbid.